



O tratamento da hipertensão arterial é eficaz em reduzir a incidência das lesões de órgão-alvo e a mortalidade cardiovascular, e dispomos de um arsenal de medicamentos hipotensores seguros e de baixo custo. Entretanto, a efetividade do tratamento da hipertensão arterial é baixa, sendo pequeno o número de pacientes que conseguem atingir as metas de controle da pressão arterial. A causa desse insucesso é complexa e envolve múltiplos fatores como a não-adesão do paciente ao tratamento proposto, a necessidade de estabelecerem-se metas de controle da pressão arterial mais rigorosas para alguns pacientes, o uso de medicação concomitante que interfere com a eficácia dos agentes hipotensores, o erro na medida da pressão arterial, o uso não racional das medidas medicamentosas e não-medicamentosas e a presença de hipertensão secundária, entre outras. Em adição, em alguns pacientes mesmo o uso de mais de três agentes hipotensores não é capaz de controlar a pressão arterial. Esse subconjunto de pacientes – definidos como de hipertensão refratária ou de difícil controle – correspondem à cerca de 30% dos indivíduos que participaram em grandes ensaios clínicos internacionais relacionados ao tratamento da hipertensão arterial. Pode-se supor, portanto, que essa é uma situação clínica comum no ambiente das clínicas e dos consultórios médicos. No presente número da **Revista Brasileira de Hipertensão**, contamos com a preciosa colaboração de autores de diversas instituições de forma a compor uma revisão atualizada sobre aspectos diagnósticos e terapêuticos da hipertensão de difícil controle.

Uma boa leitura a todos.

Eduardo Barbosa Coelho  
**Editor Convidado**